



CÂMARA MUNICIPAL  
de Novo Hamburgo

# Novos Rumos

REVISTA SOBRE O SEMINÁRIO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE NOVO HAMBURGO  
DEZEMBRO 2018



NOVO HAMBURGO  
RUMO AOS 100 ANOS

A INFLUÊNCIA DA ECONOMIA  
MUNDIAL NA CRISE  
INDUSTRIAL BRASILEIRA

REALIDADES E PERSPECTIVAS  
ECONÔMICAS  
DE NOVO HAMBURGO

A revista *Novos Rumos*, elaborada pela equipe de Comunicação do Legislativo hamburguense, traz um balanço do Seminário de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo, atividade promovida em 2018 em parceria com diversas entidades locais, no intuito de pensar alternativas para o futuro da cidade.

## Expediente

### Coordenação de conteúdo

Gerente de Comunicação Social da Câmara Municipal de Novo Hamburgo - Jornalista *Giovani Gafforelli*

### Projeto gráfico e diagramação

Jornalista *Máira Kiefer*

### Textos e revisão

Jornalista *Daniele Souza*  
 Jornalista *Jaime Freitas*  
 Jornalista *Luís Francisco Caselani*  
 Jornalista *Máira Kiefer*  
 Jornalista *Tatiane Lopes*

### Fotografias de capa e contracapa

Jornalista *Máira Kiefer*

### Fotografias

Jornalista *Daniele Souza*  
 Jornalista *Giovani Gafforelli*  
 Jornalista *Jaime Freitas*  
 Jornalista *Máira Kiefer*  
 Jornalista *Tatiane Lopes*  
 Estagiária *Thanise Melo*

### Correção ortográfica e revisão-geral

Jornalista *Luís Francisco Caselani*  
 Jornalista *Máira Kiefer*

## Palavra dos Presidentes



Por **P**elas limitações legais, na maioria das vezes o Legislativo não tem poder para executar todas as ações de que necessita a cidade. Pode, sim, criar leis, fiscalizar o Executivo e debater os temas do Município. Mas há amarras que o impedem de pôr em prática tudo aquilo que seria preciso. Por isso, a Casa do Povo deve reafirmar seu papel de promotora de grandes debates. Além de fiscalizadores, somos representantes da sociedade e, como instituição, a Câmara se insere em processos e fóruns que já se articulam para a chegada da nossa cidade a 2027, ano que marca o cen-

### RECUPERAR O PROTAGONISMO DE NOVO HAMBURGO

tenário de sua emancipação política. Estamos preparando Novo Hamburgo para o futuro e queremos ser protagonistas, somando-nos a diferentes organizações para a construção de um ambiente socioeconômico e institucional que favoreça o empreendedorismo e a inovação produtiva em nosso Município. Novo Hamburgo é, pelo que produz e arrecada, uma das mais importantes cidades do Estado e do País. Temos consciência de que perdemos certo destaque, mas precisamos retomar o caminho do crescimento social e econômico. O momento é oportuno para gerar outras vias, outras possibilidades.

Propusemos em 2018 um grande seminário sobre desenvolvimento econômico, tendo a Câmara como uma das responsáveis por pensar

alternativas para a cidade. Contamos com o apoio fundamental do Instituto Liberato e de diversas entidades que representam quem produz e auxilia o desenvolvimento deste País. Temos grandes gargalos que precisamos resolver para proporcionar crescimento e retomar a pujança econômica. A Câmara está de portas abertas para fazer a sua parte.

O debate proposto por pessoas respeitadas do setor e os encaminhamentos feitos durante o evento nos conduzem a um novo tempo. Agora, temos o compromisso de realizar os próximos passos: atividades que convirjam em geração de emprego e renda para Novo Hamburgo e região.

*Felipe Kuhn Braun*

Câmara Municipal de Novo Hamburgo

### CORAGEM PARA OS DESAFIOS, OUSADIA NAS OPORTUNIDADES

A **A** realização do Seminário de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo foi uma importante iniciativa do nosso Poder Legislativo. Novo Hamburgo é conhecida como a Capital do Calçado, principalmente pelo *know-how* existente na cidade e região, e pela força de sua cadeia produtiva. Temos muito para explorar nesse sentido, pois as tecnologias e conhecimentos utilizados na cadeia de valor do calçado são bastante amplos e podem ser a base para a diversificação da nossa indústria em termos de mercado, produto e inovação. Como indústria de moda, o dinamismo do calçado apresenta virtudes que podem ser potencializadas para a indústria química, TI,

máquinas e engenharia.

A realidade de mudanças intensas, profundas e complexas do mundo digital, ao mesmo tempo que gera oportunidades exponenciais para a melhoria da qualidade de vida de todos, é também fator de estresse e ansiedade, devido à velocidade com que tudo acontece e, muitas vezes, ao desconhecimento. Além de um fórum para apresentação de ideias, o Seminário contribui para o esclarecimento e pode indicar caminhos que ajudem nossa cidade e região a surfar esta nova onda de desenvolvimento e crescimento que se inicia. É importante que este seja o pontapé inicial de um trabalho contínuo e duradouro para auxiliar na construção das sinergias necessárias ao

novo momento social, econômico e tecnológico.

Os desafios são proporcionais às oportunidades. É nossa responsabilidade, como líderes e cidadãos, entender este novo momento e construir os alicerces para as novas gerações.

Sejamos ousados e corajosos!



*André da Rocha*

Comitê de Governança Empreendedora de NH

# Legisl@tivo

Curta nossas redes sociais e acompanhe as notícias e eventos da Câmara de Novo Hamburgo



TVCamaraNH

(51) 99388 0416

@CamaraNH

portal.camaranh.rs.gov.br

# Sumário

**FOMENTO À TECNOLOGIA COMO ALTERNATIVA PARA A CRISE ECONÔMICA** PÁGINA 5

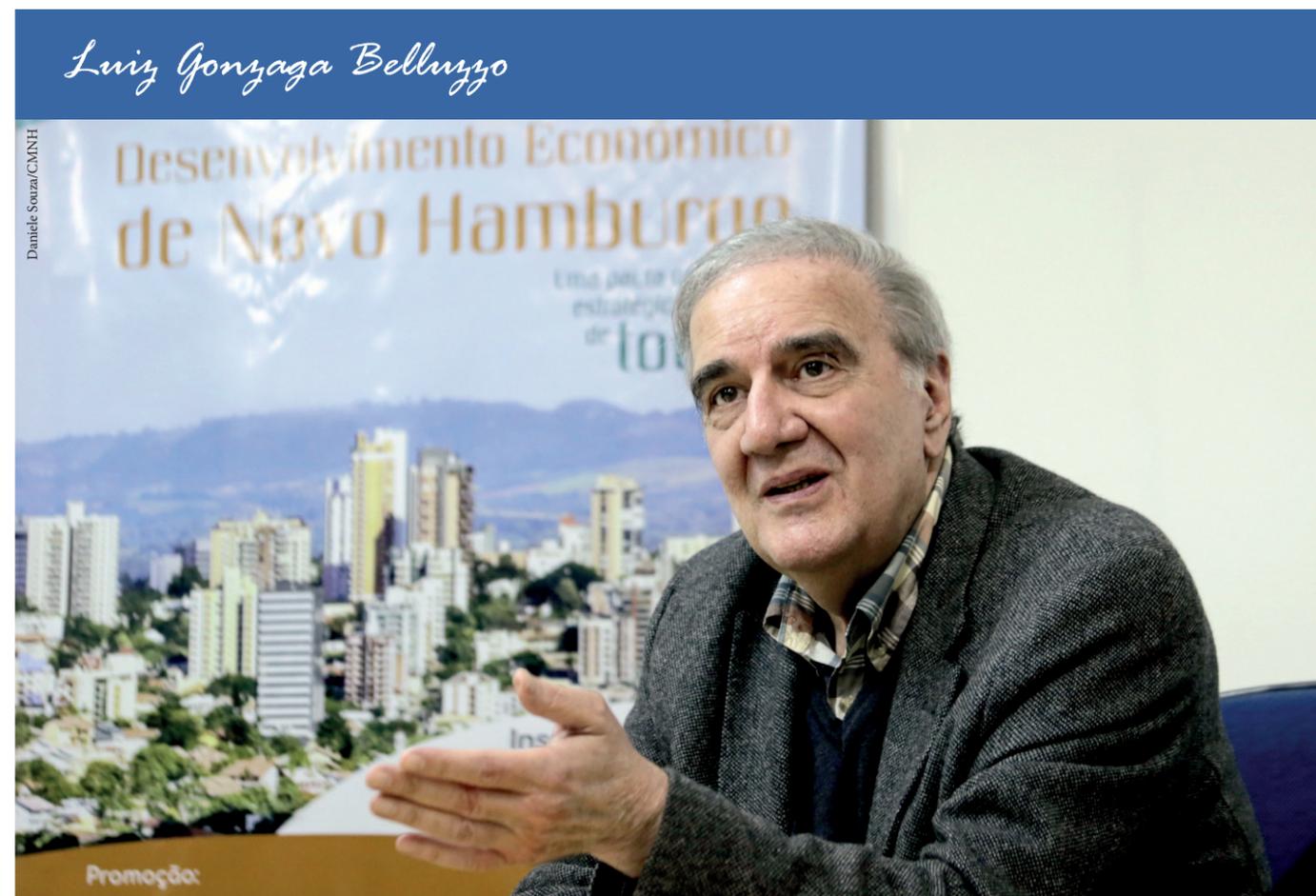
**NOVO HAMBURGO RUMO AOS 100 ANOS** PÁGINA 6

**PRECISAMOS DE NOVOS CAMINHOS** PÁGINA 8

**PAINELISTAS EXPLICAM INFLUÊNCIA DA ECONOMIA MUNDIAL NA CRISE INDUSTRIAL BRASILEIRA** PÁGINA 10

**REALIDADES E PERSPECTIVAS ECONÔMICAS DE NOVO HAMBURGO** PÁGINA 14

**EXPERÊNCIAS DE SUCESSO** PÁGINA 18



## FOMENTO À TECNOLOGIA COMO ALTERNATIVA PARA A CRISE ECONÔMICA

A deterioração da matriz produtiva brasileira ao longo dos anos e seus reflexos na situação financeira de estados e municípios pautaram as exposições do professor convidado Luiz Gonzaga Belluzzo. O economista defendeu uma alteração na estrutura tributária, lembrando que cerca de 55% da arrecadação vem de impostos indiretos. “Como esses impostos incidem sobre produtos e serviços, isso onera demais aqueles que recebem um salário mínimo, por exemplo.”

Belluzzo lembrou também que a sociedade está às vésperas de grandes transformações na indústria. “A chamada Indústria 4.0 é um salto tecnológico que impacta diretamente o emprego e a educação. Por isso, defendo o papel do Estado no fomento à tecnologia como uma das alternativas para a crise”, declarou. Para o conferencista, é preciso mudar a mentalidade para que a economia não seja debatida apenas de forma teórica, mas aproximando-a do dia a dia dos cidadãos.

**55%**  
**DA ARRECADAÇÃO VEM DE**  
**IMPOSTOS INDIRETOS**

### BIOGRAFIA DO ECONOMISTA

Formado em Direito e Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), Belluzzo é mestre em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto Latinoamericano y del Caribe de Planificación Económica y Social e doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na qual atuou como professor de 1969 a 2001. Juntamente a outros economistas, fundou a Faculdade de Campinas. Em 2001, foi incluído no *Biographical Dictionary of Dissenting Economists* entre os 100 maiores economistas heterodoxos do século XX.

# Novo Hamburgo

# Rumo aos 100 anos

Maira Kleier/CMNH

Tatiane Lopes/CMNH



O Seminário de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo, realizado nos dias 4 e 5 de julho, trouxe uma pauta necessária, estratégica e de todos. Idealizado pela Comissão de Competitividade, Economia, Finanças, Orçamento e Planejamento (Cofin) da Câmara, o evento discutiu o cenário econômico internacional e sua relação com o Brasil, identificando riscos e oportunidades para o Município e para a região do Vale do Sinos.

Robinson Klein, vice-presidente de Inovação e Tecnologia da Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha (ACI), ressaltou que é importante falar em inovação. “Ninguém inova sozinho. Aqui temos a reunião de diferentes entes políticos, educacionais e econômicos, de cérebros inteligentes em um ambiente acolhedor. Tudo isso possibilita reunir e gerir ideias diversas, com o objetivo de construir um novo modelo de desenvolvimento econômico para a nossa região. Inovar é transformar ideias em algo promissor”, concluiu.

A secretária de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo, Paraskevi Bessa-Rodrigues, que representou a prefeita Fátima Daudt no evento, salientou que essas atividades oportunizam falar sobre novas medidas

que estão sendo implementadas pela pasta que chefia. “Estamos sempre desenvolvendo e buscando estratégias baseadas na cooperação, na construção de relacionamentos, e firmando novas parcerias

com atores de diferentes segmentos econômicos. Entendemos a necessidade da troca de ideias, pois o objetivo da Prefeitura de Novo Hamburgo é proporcionar oportunidades para que nossas empresas participem de eventos que promovam o seu crescimento comercial e intelectual e reflitam no desenvolvimento de toda a sociedade”, observou Paraskevi.

Evandro Fontana, secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do RS, lembrou que o Estado sozinho não faz nada. “Precisamos de união de esforços para que possamos ter um Rio Grande do



Tatiane Lopes/CMNH

Sul melhor. Disseminar novas ideias, desenvolver uma estrutura capaz de absorver novos negócios, criar ambientes de inovação com universidades, potencializar polos tecnológicos, fomentar *startups*. Tudo isso gera emprego e renda. Sempre há possibilidades para que sejam desenvolvidas ações práticas e concretas baseadas em tecnologia, que possam ser objetos de produção de conhecimento, revertendo em desenvolvimento”, enfatizou.

Cleber Prodanov, reitor da Universidade Feevale, reconheceu a importância do evento, destacando a oportunidade que o Legislativo dá ao debate de uma agenda positiva em um ambiente aberto à comunidade. “É muito bom ter essa pauta. Uma mesa repleta de opiniões e possibilidades de inovar. São nas



Tatiane Lopes/CMNH

diferenças que construímos. É bom lembrar que o Vale do Sinos é um berço de lideranças políticas e econômicas. Muito discutiremos, e daqui sairão sementes que germinarão em terrenos férteis. Uma universidade que pode contribuir para o desenvolvimento é uma universidade realizada”, sintetizou.

O Seminário foi uma promoção da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha (ACI), Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (Assintecal), Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio dos Sinos (Consinos), Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, Instituto Brasileiro de Tecnologia do Couro, Calçado e Artefatos (IBTeC), Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (IENH), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), Prefeitura de Novo Hamburgo e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

O evento foi realizado pela Câmara Municipal de Novo Hamburgo, em uma iniciativa da Comissão de Competitividade, Economia, Finanças, Orçamento e Planejamento (Cofin) em parceria com a Escola do Legislativo, e contou com o apoio do Instituto Liberato e da Universidade Feevale.



## PRECISAMOS DE NOVOS CAMINHOS

Mediado por Marco Copetti, gerente da Regional Sinos, Caí e Paranhana do Sebrae, o painel “Políticas públicas de promoção do desenvolvimento econômico” contou com a participação do secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do RS, Evandro Fontana, da secretária de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo, Paraskevi Bessa-Rodrigues, e do presidente da Comissão de Finanças da Casa, vereador Enio Brizola.

Marco Copetti destacou a importância da pauta para a região. “É necessário pensar e desenvolver estratégias para enfrentarmos os desafios de uma agenda cada vez mais competitiva. Nós precisamos de novas diretrizes, de um desenvolvimento que remeta à sustentabilidade econômica. O certo é que o que nos trouxe até aqui não será o que nos levará para o

futuro. Precisamos de novos caminhos”, alertou.

Enio Brizola afirmou que o debate é relevante no sentido de discutir o cenário econômico mundial e brasileiro, e especialmente seus reflexos sobre Novo Hamburgo. Segundo o parlamentar, existe uma “preocupação coletiva” com o processo de desindustrialização. Nesse contexto, o seminário torna-se uma ferramenta para o descobrimento de novas cadeias produtivas e possíveis perspectivas para a indústria do calçado. “Sofremos um violento processo de desindustriali-

zação. Nós, enquanto Município, dependemos durante muito tempo de uma única cadeia produtiva, a coureiro-calçadista. Com todos os impactos da globalização que esse setor sofreu, é importante discutirmos perspectivas da área para a cidade, o Estado e o País, na medida em que várias partes do mundo passaram a produzir sapatos, inclusive com valor e design agregado”, relatou Brizola.

O vereador ressaltou a necessidade de o segmento estar cada vez mais conectado a novas tecnologias. “Elas são imprescindíveis. Vale lembrar que muitos dos fatores competitivos vêm do ambiente, que se torna cada dia mais tecnológico.” Ele enalteceu a união de esforços em torno do Seminário, lembrando que a atividade cumpre uma importante tarefa, a de contribuir para um crescimento permanente, visando à aproximação do centenário de Novo

Hamburgo. “Somamos esforços para uma cidade que todos queremos e sonhamos. Como agentes públicos e políticos, somos cobrados por pautas cotidianas, como saúde, educação, segurança e habitação, mas precisamos pensar no crescimento econômico, pois sem ele é impossível atender a essas demandas. Dentre as possibilidades, sugerimos a criação de um consórcio municipal de desenvolvimento, prática experimentada em todo o mundo. Pensamos também em uma agência municipal de desenvolvimento econômico, formando redes de parcerias com interesses comuns. Precisamos dar um maior apoio ao setor da economia solidária, fomentando pesquisas e disponibilizando linhas de créditos a pequenos empreendedores. Outros caminhos são os condomínios empresariais e um maior investimento nos setores moveleiro, têxtil e químico. O Parlamento tem muito a contribuir. Queremos defender projetos que facilitem estratégias de desenvolvimento local. O progresso é resultado de um esforço coletivo”, finalizou.

Paraskevi Bessa-Rodrigues comentou os desafios que vem enfrentando na pasta desde o início de sua gestão, em janeiro de 2017. “Parte da recuperação econômica em nossa cidade vem de um esforço muito grande em renegociar e garantir recursos internacionais para projetos que estamos desenvolvendo. Procuramos sempre novas parcerias, desenvolvendo processos contínuos de colaboração. Tomamos iniciativas de forma articulada, com parceiros estratégicos para promoção da inovação. Buscamos fomentar a área de pesquisa e desenvolvimento por meio da incubadora da Fevale. Queremos ampliar nosso portfólio de apoio além do polo

coureiro-calçadista. Tudo isso passa por discussões como esta que aqui realizamos”, relatou.

A secretária destacou a reestruturação da Rede Simples e a importância da Sala do Empreendedor para o pequeno e microempresário de Novo Hamburgo. O espaço atingiu a marca de mais de mil atendimentos por mês. “A Sala do Empreendedor é a concretização de que uma mudança de mentalidade na gestão pública resulta em propostas efetivas de crescimento. É o resultado para uma cidade que merece o melhor, que tem o empreendedorismo em seu DNA.”

**“O CERTO É QUE O QUE NOS TROUXE ATÉ AQUI NÃO SERÁ O QUE NOS LEVARÁ PARA O FUTURO.”**

O secretário Evandro Fontana alertou que, para se criticar alguma coisa, é necessário antes conhecer o que está sendo feito. “Vejo muita preocupação com apenas alguns setores da nossa economia, mas precisamos ampliar nossos horizontes. Não somos só um Estado de produção primária. Possuímos setores estratégicos e programas de fomento que ajudam a ampliar a nossa matriz econômica”, alertou. Segundo Fontana, o ambiente de inovação no Rio Grande do Sul tem recebido impulso a cada ano através de um modelo exitoso em diversos países: o da tríplice hélice. Estado, uni-

versidades e empresas se unem para promover o desenvolvimento por meio de ações coordenadas. A partir de convênios financiados em boa parte com recursos públicos, o RS possui atualmente 27 polos e 15 parques tecnológicos, além de dezenas de incubadoras empresariais, exemplos de estímulo ao empreendedorismo e à inovação através da criação de centenas de startups de base tecnológica.” De acordo com o secretário, um ecossistema favorável aos negócios depende de uma estrutura pública eficaz. “A Junta Comercial, Industrial e de Serviços, por exemplo, modernizou-se, liberando a documentação para novos negócios num prazo de cinco dias. Até há pouco tempo, a demora era de semanas ou meses. E, para fomentar as vocações regionais, os arranjos produtivos locais e os núcleos de extensão produtiva, parques, polos tecnológicos e incubadoras em parceria com universidades recebem recursos do Estado oriundos do Banco Mundial. Esses programas contribuem para que sejamos referência nacional. O Rio Grande do Sul é o segundo estado brasileiro no índice de inovação, atrás apenas de São Paulo, e o primeiro em registro de patentes e em densidade de doutores”, destacou.



# PAINELISTAS EXPLICAM INFLUÊNCIA DA ECONOMIA MUNDIAL NA CRISE INDUSTRIAL BRASILEIRA



Em uma das atividades do evento, pesquisadores narraram as transformações econômicas registradas no mundo ao longo das últimas décadas e explicaram como essa variação impactou a realidade produtiva nacional. O panorama foi traçado durante o painel “O Brasil no cenário econômico mundial”, realizado no segundo dia do Seminário. Mediado por Flávio Stein, vice-presidente de economia da ACI, a atividade teve a participação do economista Luiz Gonzaga Belluzzo, do coordenador-adjunto do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Faccat, Carlos Paiva, da superintendente da Assintecal, Ilse Guimarães, e do presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, Marcus Coester.

Na abertura, Belluzzo fez um recorte da relação entre China e Estados Unidos desde a década de 1980, destacando o contraste entre a rápida industrialização do país asiático e o processo inverso a que se submeteu a economia americana a partir da dominância dos movimentos de capitais sobre o comércio. Segundo ele, isso se deve à alteração do destino de capital dos Estados Unidos para a China, iniciada no final dos anos 1990. Professor do Instituto de Economia da Unicamp, Belluzzo defendeu o for-

talecimento da indústria para o crescimento econômico do País. “Alguns economistas dizem que a indústria não é importante. Só que o comércio

mundial mostra que isso não é verdade. O grosso da economia deve-se às manufaturas”, afirmou o estudioso. O economista atribui a diminuição da taxa de crescimen-

to do Produto Interno Bruto (PIB) norte-americano e de países da União Europeia também à concentração da especialização em serviços, em detrimento do setor secundário. “Nos Estados Unidos, grande parte das pessoas perdeu seus empregos devido a fábricas abandonadas e dilapidadas. O próprio Donald Trump mantém sua base eleitoral entre aqueles atingidos pelo empobrecimento, especialmente no noroeste dos EUA”, apontou. No Brasil, o salto das *commodities*, puxado pelo consumo americano e o investimento global no mercado chinês durante a segunda metade da década passada, proporcionou, na sua visão, um ambiente favorável para o crescimento do PIB. “O país chegou a se aproximar das nações mais industrializadas, mas perdeu muita participação e competitividade no cenário internacional, e a queda foi bastante pronunciada”, analisou. Belluzzo lembrou que, na década de 1980, o país chegou a ser uma potência industrial superior a China e Coreia do Sul.



to do Produto Interno Bruto (PIB) norte-americano e de países da União Europeia também à concentração da especialização em serviços, em detrimento do setor secundário. “Nos Estados Unidos, grande parte das pessoas perdeu seus empregos devido a fábricas abandonadas e di-

O economista Carlos Paiva disponibiliza em seu site uma análise sobre as cadeias produtivas hamburgueses. Use seu celular para escanear o QR code abaixo e confira os dados coletados.



Entre 1994 e 1999, contudo, recorrentes choques sofridos pela economia devido a crises internacionais ocasionaram elevações na taxa de juros, com alteração cambial que impediu a desvalorização da moeda, em plena implantação do Plano Real. “Valorização cambial é agradável quando ocorre, mas desfavorece a produção industrial nacional. O Brasil acabou fortemente penalizado, justamente no período de industrialização chinesa. Quando houve a benesse das *commodities*, o investimento estrangeiro direto explodiu.”

Com isso, e devido ao choque de demanda, ele apontou que o Brasil conseguiu manter a balança comercial de produtos manufaturados superavitária mesmo durante a crise, com exportação para diversos países. “Hoje, temos um déficit muito importante na balança, que tem a ver com a perda de competitividade”, completou.

Belluzzo concluiu sua fala indicando o que chamou de “terremoto” na economia internacional, alterando o cenário brasileiro. “O espaço para os países realizarem suas políticas nacionais de desenvolvimento foi transformado devido à globalização. A China se ajustou a esse processo e conseguiu implementar suas políticas. Os Estados Unidos tiveram papel importante em fornecer à China a possibilidade de desenvolver sua indústria. Hoje, os chineses lideram todos os setores de exportação de manufaturados. Não à toa os Estados Unidos agora estão com uma política de reação, embora o desejável fosse redefinir as relações internacionais e financeiras”, diagnosticou. Questionado sobre o baixo crescimento do PIB brasileiro nos últimos anos, ele descreveu como um fenômeno natural. “A economia veio desacelerando. O preço das *commodities* saiu do pico, mas, na verdade, ajustou-se. Trata-se de uma desaceleração cíclica causada pelo aumento do consumo e do endividamento das famílias”, finalizou.

## INDÚSTRIAS DE BASE

Quem também abordou a temática foi o professor Carlos Paiva. “O mundo vive a crise da hegemonia americana no plano produtivo, cujo motor, hoje, é a China, e isso tem um impacto muito grande para nós”, destacou. Ele lembrou que a economia brasileira é historicamente baseada na agricultura. “Só nos industrializamos quando o dinheiro resultante da venda do café não conseguia mais comprar os produtos de que precisávamos. O Brasil é o único país do mundo que consegue ter três safras de verão no ano. No que somos mais competitivos é na agroindús-



tria. Somos vistos como o ‘fazendão’ do mundo”, ilustrou.

Paiva explicou que, como a China carece de alimentos, o Brasil passou a ser demandado pela maior economia industrial do mundo. “O país apresenta um superavit monstruoso com a China, ganhando caixa para que nos tornemos confiáveis novamente no mercado internacional”, completou. Ele também falou sobre como a flutuação do câmbio e a variação inflacionária influenciam na rentabilidade da indústria exportadora. “Quando o governo sobe a taxa de juros para conter a inflação, os fundos internacionais passam a aplicar no Brasil, injetando no país a moeda americana. Com mais oferta do que demanda, o preço cai”, pontuou.

O pesquisador contou que essa sequência de eventos acabou acarretando o fechamento de diversas empresas exportadoras, uma vez que a queda do dólar representava a diminuição do lucro obtido com a comercialização do produto fora do Brasil, situação difícil de contornar em indústrias com muitos empregados.

“Quanto maior a mão de obra, mais difícil é concorrer com China e Vietnã. E qual indústria é mais intensiva em mão de obra? A de calçados. A política que sustenta o agronegócio penaliza a indústria calçadista. Em Novo Hamburgo, verificamos a diminuição da população empregada no setor, mas o aumento da mão de obra em indústrias de base. E é nisso que acredito que a cidade deva focar”, sinalizou.

**“O BRASIL É O ÚNICO PAÍS DO MUNDO QUE CONSEGUE TER TRÊS SAFRAS DE VERÃO NO ANO. NO QUE SOMOS MAIS COMPETITIVOS É NA AGROINDÚSTRIA.”**

## INSERÇÃO EM CADEIAS DE VALOR

Já a superintendente da Assintecal, Ilse Guimarães, aposta na inserção das empresas hamburguesas nas cadeias globais de valor como o melhor caminho. De acordo com Ilse, estudos mostram que empresas manufatureiras recebem hoje apenas 2% do total da venda final da mercadoria.



“A cadeia de valor é uma linha que vai desde a criação de um produto até a entrega ao consumidor, realizada por uma rede global de empresas. A diferença para a cadeia de suplementos é que agora estão inseridos serviços intangíveis, que agregam valor, como *branding*, design, marketing e distribuição. Esse é o mais importante movimento dos últimos 20 anos em comércio internacional. E, em Novo Hamburgo, existe uma concentração de recursos que pode agregar valor ao produto final.” As vantagens, segundo ela, incluem desde o acesso a outros mercados até a oportunidade de melhoria dos processos produtivos a partir do contato com novas tecnologias.



Já o presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha, Marcus Coester, destacou os serviços prestados pela entidade e colocou a associação à disposição de empreendedores que procuram cooperação com indústrias do país europeu. Ele enfatizou que, historicamente, essa sempre foi uma relação bem-sucedida, e apontou os aspectos nos quais o Brasil pode se inspirar para um processo de industrialização semelhante ao da Alemanha. “O desenvolvimento econômico, o conhecimento e a qualidade de vida são indissociáveis. Temos que pensar sempre que educar nas áreas técnicas é importante. A sociedade tem que entender essa situação e criar mecanismos para isso. Precisamos ter olhos para a tecnologia e para o empreendedorismo. Outra questão importante do poder público é a burocracia, que acaba se tornando um grande empecilho. A simplificação dos processos é fundamental”, concluiu.

O presidente da Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Câmara, Professor Issur Koch, concordou com a posição de Coester. “Nossa cultura muito pouco prega o empreendedorismo”, lamentou.





# REALIDADE E PERSPECTIVAS ECONÔMICAS DE *Novo Hamburgo*

**A** bordando a temática "O desenvolvimento de Novo Hamburgo: realidade e perspectivas da cidade", o professor da Fundação Liberato Pedro Giehl mediu debate com os painelistas Carolina Rostirolla, gestora de projetos da Regional Sinos, Caí e Paranhana do Sebrae; Heitor Klein, presidente da Abicalçados; e Felipe Menezes, professor e pesquisador da Uni-



versidade Feevale. Ao abrir a atividade, Giehl destacou que o Município tem grandes potencialidades, mas também grandes desafios.

Já Carolina falou sobre o perfil econômico de Novo Hamburgo e

região. Ela comentou que o Sebrae possui um comitê com o intuito de desenvolver a cidade. Segundo a gestora, o PIB do Município corresponde a 2,42% do Estado. "Temos 28 mil empresas aqui, na maioria micro e pequenas, com faturamento de até R\$ 4,8 milhões. Apenas 461 são classificadas como médias e grandes. É importante que entidades privadas trabalhem junto ao Município políticas públicas para o desenvolvimento das pequenas iniciativas, porque elas representam 98% do número total de empresas em Novo Hamburgo."

Desmembrando o perfil por setor, Carolina ressaltou que 79% das empresas estão rela-

cionadas ao comércio e à prestação de serviços, o que comprovaria a desindustrialização. Em relação à potencialidade de consumo, os hamburgueses estão na 79ª colocação no ranking nacional, ocupando o 5º lugar na lista estadual. "Os maiores gastos, atualmente, são com a manutenção do lar – energia elétrica, internet, telefone: 25,4% do total. Despesas como manicure, cabeleireiro e produtos e serviços para pets correspondem a 19,4% dos gastos. Já 12% representa o valor investido em feiras, padarias e supermercados, por exemplo – alimentação por domicílio."

O Sebrae informa que 21% das compras públicas de Novo Hamburgo são adquiridas de empresas da cidade, sendo 8,1% de micro e pequenas. "Aqui percebemos um potencial de fomento muito grande", afirmou. Ela disse ainda que a Prefeitura informou que poucas empresas – apenas 20% do porte mencionado – estão cadastradas para poder fornecer ao Município, havendo inclusive edital específico para isso.

Sobre o perfil demográfico, Carolina ressaltou que a pirâmide está se invertendo, uma vez que a população

está envelhecendo. Ela explicou ainda que o Município tem um "bônus demográfico", ou seja, há um número maior de pessoas aptas a trabalhar, com idades entre 15 e 64 anos.

A gestora informou que, segundo o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese), que leva em consideração 12 indicadores relacionados a renda, saúde e educação, Novo Hamburgo apresenta um desenvolvimento médio. Segundo dados de 2015, a nota da cidade é de 0,74. Para ser considerado nível alto de desenvolvimento, o índice deveria ter ultrapassado 0,8. "Comparando com o Estado, estamos abaixo da média, que é de 0,75 no mesmo período. Em relação aos outros municípios gaúchos, estamos na 242ª posição", detalhou.

Já Carolina comentou ainda sobre as várias ações que o Sebrae vem desenvolvendo em parceria com outras instituições. "Precisamos unir esforços para conseguir avançar. Temos um movimento em prol do Vale, a governança corporativa para trabalhar o desenvolvimento com foco em empreendedorismo. Convido a todos a participarem", concluiu.

**“É IMPORTANTE QUE ENTIDADES PRIVADAS TRABALHEM JUNTO AO MUNICÍPIO POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS PEQUENAS INICIATIVAS, PORQUE ELAS REPRESENTAM 98% DO NÚMERO TOTAL DE EMPRESAS EM NOVO HAMBURGO.”**

## SETOR COUREIRO-CALÇADISTA: AQUI É O CORAÇÃO DA PRODUÇÃO

**H**eitor Klein, presidente da Abicalçados, fez uma análise sobre a cadeia produtiva do couro e do calçado. Ele apresentou como ela se estrutura no Brasil, com enfoque no Rio Grande do Sul. Segundo ele, a produção na região que engloba Novo Hamburgo corresponde a cerca de 60% do que é realizado no Estado e 30% no Brasil, desde os curtumes, componentes e máquinas até a produção de insumos decorrentes dessas atividades e a fabricação de calçados.

"Aqui é o coração da produção coureiro-calçadista do Brasil. Toda a inteligência do setor está assentada aqui, por conta das instituições



e da tecnologia que temos. No Rio Grande do Sul, essa cadeia gera a exportação de US\$ 1,308 bilhão. A fabricação de calçados no Estado representa 81 mil empregos diretos, ou 13% do total”, disse Klein. O presidente da Abicalçados ressaltou que, em termos de RS, a cadeia detém 11% do PIB industrial. Já no cenário nacional, o segmento coureiro-calçadista representa 2% do PIB e 4,2% do emprego. “Somos um grupo respeitável. É inegável a vocação industrial instalada nesta região. Qualquer movimentação que se refira ao desenvolvimento econômico necessariamente tem de levar em conta esse setor.” Heitor Klein falou sobre a séria crise econômica que afeta o País. “Um dos efeitos mais maléficos é o número de desempre-

gados: 13 ou 14 milhões de pessoas. Mas, de fato, podemos dobrar os números, se considerarmos os desesperançosos, os que já desistiram de procurar emprego, e as pessoas subempregadas. Para encontrar desenvolvimento que gere uma condição social aceitável, precisamos ter em vista aqueles setores com alta capacidade de geração de empregos, porque isso significa renda e uma rotação virtuosa da economia. É claro que a demanda não se cria por decreto. É preciso competitividade, esforço continuado das empresas no sentido de aperfeiçoar processos, gerar mais eficiência de gestão e inserção internacional. Essa vocação se encontra nesta região. Não estamos alheios ao processo. Isso implica esforço local, estadual e nacional”, reiterou.

**“UM DOS EFEITOS MAIS MALÉFICOS É O NÚMERO DE DESEMPREGADOS: 13 OU 14 MILHÕES DE PESSOAS. MAS, DE FATO, PODEMOS DOBRAR A QUANTIDADE, SE CONSIDERARMOS OS DESESPERANÇOSOS, OS QUE JÁ DESISTIRAM DE PROCURAR EMPREGO, E AS PESSOAS SUBEMPREGADAS.”**



As fotografias do evento podem ser conferidas no perfil da Câmara no Flickr: [bit.ly/albumseminario](https://bit.ly/albumseminario). Acesse as imagens com o seu celular escaneando o QR code.



## A INDÚSTRIA 4.0

O pesquisador e professor da Universidade Feevale, Felipe Menezes, falou sobre os desafios e oportunidades da indústria criativa e refletiu sobre como as empresas de calçado podem se reinventar a partir da Indústria 4.0.

Para entender o que está acontecendo nessa área, Menezes voltou no tempo e explicou os processos pelos quais a indústria passou até agora. Ele falou sobre os produtos manufaturados, os artesãos e as duas primeiras revoluções industriais. “Antes da padronização e das linhas de produção, havia mais demanda do que produtos. E, hoje, mais oferta do que a população consegue absorver.” O pesquisador também falou sobre a 3ª Revolução Industrial – a automação – e apontou que, atualmente, vivemos a 4ª Revolução, caracterizada pelos sistemas cyber-físicos – comunicando-se e acontecendo por meio da tecnologia.

“Tudo é muito rápido. Estamos em uma mudança de era. Nascemos na era industrial (linear, segmentada, repetitiva e previsível). Replicamos este modelo industrial a toda a nossa vida. Mas já estamos vivendo o oposto – a era digital: não-linear, conectados, imprevisível. Criam-se ideias, que são mais que produtos. Vivemos uma economia digital: reprodução perfeita, custo zero, entrega instantânea”, disse, destacando a importância, por exemplo, das impressoras tridimensionais.

“As tecnologias evoluem em forma combinatória. Utilizando as impressoras 3D, é possível fazer, por exemplo, casas, brinquedos, óculos, celulares. As máquinas fazem exatamente o que está no projeto”, completou. Ele contou que a tecnologia já está sendo empregada, de forma experimental, na impressão de solados de calçado pela empresa alemã Adidas. “Já estão estudando impressão em 4D, material com memória. As tecnologias evoluem. E muita coisa avança exponencialmente.”

Para exemplificar, Felipe Menezes explicou que a velocidade de processamento de um computador corresponde, atualmente, à velocidade do cérebro de um rato. E que, em 2048, será equivalente a todos os cérebros da humanidade reunidos. Ele também citou o exemplo dos carros autônomos, que se dirigem sozinhos, sem piloto humano, e cujo índice de envolvimento em acidentes é muito menor. “A Uber, nos Estados Unidos, já está usando esses veículos há dois anos”, relatou. Ele também lembrou robôs famosos, como o que deu o pontapé inicial no jogo de abertura da Copa do Mundo no Brasil. “Temos vários outros exemplos de tecnologias exponenciais”, culminou.

“A economia é assim. Vai impactar os empregos? A curva diz que sim, mas eu acredito que vai mudar a forma como os vemos. Não adianta brigar com a tecnologia, temos de aprender a conviver com ela”, afirmou. Para finalizar, o pesquisador explicou a diferença entre as maiores empresas do mundo e as que crescem exponencialmente, como Google e Airbnb, que surgiu timidamente e hoje representa o maior hotel urbano do mundo. “Aprender, desaprender e reaprender. Aqueles que não tiverem essa capacidade serão considerados os próximos analfabetos.”



Thanise Melo/CMNH

# EXPERIÊNCIAS DE SUCESSO

O painel “Os caminhos do desenvolvimento local: casos de sucesso” trouxe as experiências do diretor da Fundação Liberato, Ramon Hans, da gestora de Projetos e Inovação da Killing SA, Cenira Verona, do diretor-presidente da empresa Orisol do Brasil S.A., André da Rocha, e do diretor da empresa Tente, do Feevale Techpark, Vinícius Prado. Eles demonstraram a um plenário lotado as práticas que levaram suas empresas e instituições ao sucesso.

A gestora Cenira Verona falou sobre a experiência nacional e internacional da empresa. Ela fez uma apresentação institucional da indústria química, especializada nas áreas de colagem e pintura. “O criador da Killing foi um empreendedor, justamente o que estamos buscando atualmente para a nossa cidade”, comentou. Com 2.500 itens de portfólio, ela explicou que a empresa é líder na linha de adesivos para calçados no Brasil, além de estar entre as 10 maiores fabricantes de tintas no País.

Cenira destacou que uma das principais preocupações, há mais de 16 anos, é atuar com produtos ecologicamente adequados. “Esse é o foco do nosso planejamento estratégico. Também nos destacamos pela responsabilidade social, um conceito que estamos trabalhando de forma muito forte nos últimos anos”, apontou.

Ela evidenciou pontos importantes para a história de sucesso das Tintas Killing. O primeiro deles é a inovação. “Temos 56 anos de empresa. Poucas no Brasil atingem meio século. Somos um *case* nacional de governança corporativa”, falou. Cenira men-

cionou ainda a liberdade hierárquica dentro do grupo – o que, segundo ela, é difícil ocorrer na maioria das instituições. “Além disso, investimos em ações mais formais, como Banco de Ideias e Fale com o Presidente. Temos um ambiente propício para a liberdade de expressão e de ideias”, relatou.

Outro ponto ressaltado é a saúde financeira da empresa. “Temos responsabilidade para implementar uma ideia. Os maiores crescimentos foram justamente em anos de crise. Não colocamos a culpa no mercado, mas nos permitimos pensar e agir diferente para atingir também um resultado diferente. Investimos na cultura de colaboração, porque inovação não se faz sozinho. Temos muitas coparticipações, com fornecedores e clientes, uma vez que primamos pela construção em conjunto”, disse a gestora.

Dessa forma, a inovação se dá de maneira responsável, garante Cenira. “Testamos exaustivamente um produto até colocá-lo no mercado.” Ela salientou ainda o investimento em educação continuada. “Assim, provocamos o crescimento não só de Novo Hamburgo, mas da região como um todo”, finalizou.



O diretor-presidente da Orisol do Brasil S.A., André da Rocha, falou sobre a trajetória e experiência nacional e internacional da empresa. Segundo ele, o hábito de questionar como as coisas são feitas integra o dia a dia da instituição, cujo nome provém de “original solutions”, ou soluções originais. Ele lamentou a cultura brasileira pela zona de conforto, contrapondo o ideal que a Orisol prega. “Inovação é meio, não é fim. É um meio para melhorar a vida das pessoas. Precisamos pensar como elas entenderão e se beneficiarão dos equipamentos que produzimos. Aprendemos pelo erro e pela rápida correção. Temos muito



*Orisol:*  
**INOVAÇÃO É MEIO,  
NÃO É FIM**

para melhorar na educação no Brasil, mas evoluímos nos últimos 30 anos”, disse.

Segundo ele, a mudança do País virá pelos municípios. “Se transformarmos nossos debates em ações, aí conseguiremos resultados”, finalizou.



“Nós introduzimos no ensino da Liberato a pesquisa científica. Por ano, são cerca de 300 projetos desenvolvidos utilizando esta metodologia. Isso desperta no aluno a forma mais lógica e correta de buscar as respostas para suas dúvidas. Esse é um diferencial em nosso ensino”, explicou o diretor Ramon Hans. Ele disse, no entanto, que as diferentes áreas temáticas da Fundação têm liberdade para estabelecer seu próprio método. “Cada curso cria o seu perfil, e isso culmina em uma feira interna. Apenas 40 de nossos projetos são escolhidos para participar da Mostratec, da qual somos os organizadores.”

Segundo Hans, 36 mil pessoas realizaram pes-

quisas pelo mundo até resultarem nos 470 estudos apresentados na edição de 2017 da Mostratec. “O aluno busca respostas muito antes do professor. Precisamos apenas incentivá-los”, completou. Outro caso de sucesso ressaltado por ele é a Mostratec Júnior, que existe desde 2011. “É um trabalho que também desenvolvemos junto às redes municipais do Estado. Novo Hamburgo e Bom Princípio foram as primeiras cidades a participar dessa feira. Notamos que precisávamos começar a incentivar a pesquisa antes de os alunos entrarem no ensino médio. O número de envolvidos, entre professores e estudantes, foi crescendo: já temos 166 feiras afiliadas, que se conectam à Mostratec de alguma forma”, garantiu. O diretor da Fundação Liberato destacou ainda que a instituição ajuda os municípios a realizarem suas próprias feiras, disseminando a metodologia científica. Ele finalizou sua exposição mostrando talentos reconhecidos em função das pesquisas praticadas e apresentadas na Mostratec.

*Liberato:* **EDUCAÇÃO  
PARA A PESQUISA**

## Tente: EXPERIÊNCIA DE REORGANIZAÇÃO PRODUTIVA



de que precisamos”, contou. Ele descreveu o processo de adesão de usuários, o que levou cerca de três meses. “Fomos simplificando o projeto para que uma criança pudesse montá-lo em menos de dois minutos e meio. Depois disso, trabalhamos a questão do conforto, porque elas deixam de usar o calçado a par-

O designer de produto Vinícius Prado, diretor da empresa Tente, incubada no Feevale Techpark, finalizou o último painel do Seminário falando sobre sua experiência de reorganização produtiva e tecnológica. Ele explicou que a Tente é uma *startup* que surgiu a partir de uma brincadeira com o filho, quando o desafiou a montar um calçado. “Nunca quis desenhar calçado. Resolvi focar em outras áreas, trabalhando *branding*, consultoria, design de serviço. Patenteei um calçado modular que a própria criança monta. Em 2016, incubamos o projeto no Feevale Techpark, onde temos os equipamentos

partir do momento em que começa a apertar alguma parte do pé. Usamos parte do lucro para ensinar as crianças a fazer o bem, de forma que comprar um produto represente dar um passo na direção de um futuro melhor. Você compra o produto online, recebe em um envelope e monta o calçado, utilizando os ornamentos que preferir. Um percentual da venda é revertido para instituições de caridade, o que ilustramos com o envio da foto de uma das crianças que são ajudadas nesse processo”, detalhou. Ele disse ainda que a pré-venda do calçado deve se iniciar em breve.



A vereadora Patricia Beck ressaltou que a apresentação de experiências bem-sucedidas serviu como uma aula e um estímulo a todos os participantes do Seminário. Ela também colocou em

discussão alternativas para o fortalecimento das indústrias hamburguesas e o fomento à inovação tecnológica. “Gostaria de ouvir sobre o distrito industrial. Será que ainda podemos cogitar? Acho importante também repensarmos nosso CIT (Centro de Inovação e Tecnologia), talvez em parceria com a Feevale, Liberato ou outra instituição de educação tecnológica”, pontuou. O presidente do IBTeC, Paulo Griebeler, perguntou o que Novo Hamburgo tem de fazer para retomar o protagonismo na área calçadista. Aberto também a questões da plateia, os painelistas responderam sobre a ampliação da gama de indústrias na cidade e as potencialidades de incentivo ao turismo.



## Questionamentos



## Respostas

### HEITOR KLEIN, PRESIDENTE DA ABICALÇADOS

O distrito industrial é importante, mas não é fundamental nem urgente. Não seria mais razoável que investíssemos nos centros tecnológicos já instalados para que eles se desenvolvessem ainda mais? A diversificação da economia não excluiria o foco na recuperação do setor calçadista. Seria um crime de lesa-pátria se parássemos de falar em sapato.

### CAROLINA ROSTIROLLA, GESTORA DE PROJETOS DA REGIONAL SINOS, CAÍ E PARANHANA DO SEBRAE

Podemos desenvolver outras potencialidades, mas não podemos esquecer o calçado, até porque temos uma inteligência no setor que não pode ser abandonada. Precisamos unir esforços entre as entidades para que cheguemos a um denominador comum em prol do setor. Quanto ao turismo, Lomba Grande possui um potencial muito grande a ser trabalhado. Hoje, no Sebrae, já há um diagnóstico para isso.

### ANDRÉ DA ROCHA, DIRETOR-PRESIDENTE DA EMPRESA ORISOL DO BRASIL S.A.

A indústria do calçado ficou muito grande para apenas uma cidade ser protagonista. É uma indústria muito maior e mais dinâmica. Novo Hamburgo pode ter perdido, mas o Rio Grande do Sul nunca produziu tantos calçados. O que temos de pensar é o que fazer para que nossa região siga liderando o setor, especialmente pelos avanços tecnológicos. Acho que ainda ouviremos muito sobre calçado nos próximos 20 anos, até por ser um produto que não se pensa em substituir. Também penso que o CIT precisa existir. O Legislativo pode pensar em um grupo de trabalho para agir nesse sentido. Precisamos estudar a construção de um polo junto à região.

### VINÍCIUS PRADO, DIRETOR DA EMPRESA TENTE

Existe um potencial calçadista, mas as novas tecnologias tendem a permitir que se atendam outros setores. O que temos de fazer é dar oportunidade para quem tem vontade de inovar. Temos de libertar essas ideias e criar um ciclo sustentável baseado no desafio.

### CENIRA VERONA, GESTORA DE PROJETOS E INOVAÇÃO DA EMPRESA KILLING S.A.

A região é protagonista, mas há uma autointitulação que parece impedir o diálogo com outros polos, que não necessariamente nos reconhecem assim. Precisamos trabalhar de maneira mais aberta. Faltam também novos modelos de negócio. Temos de fortalecer nossa inteligência, mas precisamos agir. Tenho certeza de que há pessoas aqui já rascunhando possibilidades para fazer isso acontecer.

### DEIVID SCHU, DIRETOR DE TURISMO DA PREFEITURA

Novo Hamburgo tem um foco na área de negócios, o que acaba deixando de lado o turismo de lazer. Em Lomba Grande, temos um potencial turístico, mas não temos um produto consolidado. O mais difícil nós já temos, que é a parte rural, natural e histórica. Precisamos transformar isso em um produto.

### RAMON HANS, DIRETOR DA FUNDAÇÃO LIBERATO

A indústria do calçado mudou e trouxe outras necessidades que diversificam nossa produção. O CIT é pensado há oito anos, mas falta fazê-lo. Agora, estamos fazendo sem pensar muito. A Liberato é parceira. Temos informação de que teremos espaço lá. Mas ele não precisa ser apenas um prédio físico. Ele pode estar ligado a outros pontos tecnológicos da cidade e da região.



# Impressões



**ILSE MARIA BIASON GUIMARÃES - SUPERINTENDENTE DA ASSINTECAL**

“Os esforços individuais e coletivos das empresas devem ser acompanhados por inumeráveis aspectos que conformam seu entorno. O diálogo público-privado é elemento-chave para a consolidação de uma competitividade sistêmica. O Seminário de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo é uma dessas construções de suporte à dinamização e ao desenvolvimento do setor e fortalecimento da cadeia produtiva.”

**HEITOR KLEIN - PRESIDENTE-EXECUTIVO DA ABICALÇADOS**



“O Seminário de Desenvolvimento foi um espaço fundamental para debater estratégias para a retomada da economia do Rio Grande do Sul. Fico grato, em nome da Abicalçados, por poder participar e apresentar a importância do setor calçadista gaúcho, um dos mais relevantes – não só economicamente, mas socialmente – do Estado.”



**MARCO AURELIO COPETTI - GERENTE DA REGIONAL SINOS, CAÍ E PARANHANA DO SEBRAE/RS**

“O Seminário foi absolutamente relevante como pauta do empreendedorismo e visão de desenvolvimento local, tema que deve fazer parte das agendas empresariais e públicas da cidade de Novo Hamburgo, gerando um ambiente favorável para os negócios e a inclusão de atividades empreendedoras no Município.”

**ENIO BRIZOLA - PRESIDENTE DA COFIN**



“A Câmara protagonizou um movimento histórico em favor desta pauta, que resultou em uma sinergia para a continuidade dos debates e a produção de ações, entre todos os envolvidos, a favor do desenvolvimento econômico da cidade.”



**PARASKEVI BESSA-RODRIGUES - SECRETÁRIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO**

“Foi uma oportunidade importante para debater os rumos do Município com a participação de todos os segmentos da comunidade. Entendemos a necessidade da troca de ideias, pois o nosso objetivo é proporcionar alternativas para que nossas empresas promovam seu crescimento comercial e intelectual.”

**SENO LEONHARDT - DIRETOR-GERAL DA IENH**



“O Seminário de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo trouxe significativas reflexões, indicando perspectivas e caminhos que podem ser seguidos pelos atores econômicos do Município. Os cenários servem de referência para os entes públicos e privados em suas escolhas estratégicas.”

## O QUE PENSAM OS APOIADORES E ORGANIZADORES DO EVENTO



**ROBINSON OSCAR KLEIN - VICE-PRESIDENTE DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA DA ACI**

“O desenvolvimento de nossa região passa pelo fortalecimento das bases de sustentação, o giro da economia, a geração de emprego e a melhoria da educação. Como essas bases têm uma dependência mútua, teremos sucesso com movimentos como o Seminário de Desenvolvimento, que fomentem mudanças no modelo atual e permitam destravar esse nó através da inovação. É fazendo diferente que teremos resultados melhores.”

**ROCELITO LOPES DE ANDRADE - DIRETOR DO CÂMPUS AVANÇADO NOVO HAMBURGO DO IFSUL**



“O Seminário foi muito importante por reafirmar que a educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família, precisando ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Pois somente com a educação e profissionalização de nossos jovens atingiremos o desenvolvimento econômico sustentável. País sem tecnologia, sem ciência e sem educação é país escravo.”



**CLEBER PRODANOV - REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE**

“O Seminário de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo se constituiu numa louvável iniciativa da Câmara de Vereadores, articulando parceiros e cujos resultados far-se-ão sentir no futuro próximo da nossa cidade e região.”

**PEDRO ROQUE GIEHL - PROFESSOR E PESQUISADOR DE GESTÃO E EMPREENDEDORISMO DA FUNDAÇÃO LIBERATO**



“Na década em que Novo Hamburgo completa 100 anos de emancipação, este Seminário foi importante por sua pauta e seu processo, organizado no diálogo entre instituições comprometidas com o futuro do Município. A agenda do desenvolvimento econômico é fundamental para criarmos o entendimento e as condições de um ambiente propenso à inovação e ao empreendedorismo, superando as fragilidades e potencializando as oportunidades da cidade e da região.”



**GABRIEL GRABOWSKI - PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE E PRESIDENTE DO CONSINOS**

“Atividades como o Seminário de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo valorizam muito a atuação do Legislativo municipal e atendem a um dos maiores anseios da comunidade, que é o desenvolvimento da sua cidade. Parabéns aos vereadores por esta importante iniciativa.”

# Seminário de Desenvolvimento Econômico de Novo Hamburgo

Uma pauta necessária,  
estratégica e  
de **todos**



Promoção:



Apoio:



Realização:



Câmara Municipal de Novo Hamburgo